

## ***Crime Delicado, de Beto Brant: cinema brasileiro sem vergonha***

Laura Loguercio Cánepa\*

### **Ficha Técnica do filme:**

**Título Original:** Crime Delicado

**Gênero:** Drama

**Tempo de Duração:** 87 minutos

**Ano de Lançamento (Brasil):** 2005

**Estúdio:** Drama Filmes / MG Ricca / Lumière / Estúdios Mega / Locall

**Direção:** Beto Brant

**Roteiro:** Marçal Aquino, Marco Ricca, Beto Brant, Maurício Paroni de Castro e Luís F.

Carvalho Filho, baseado em livro de Sérgio Sant'anna

**Produção:** Bianca Villar, Renato Ciasca e Marco Ricca

**Música:** Caco Faria e Álvaro Fernando

**Fotografia:** Walter Carvalho

**Desenho de Produção:** André Montenegro

**Direção de Arte:** Marcos Pedroso

**Figurino:** Joana Porto

**Edição:** Willem Dias

O cineasta paulista Beto Brant, de 42 anos, é um dos mais expressivos realizadores da chamada “retomada do cinema brasileiro<sup>1</sup>”. Após obter grande sucesso de crítica com seu longa-

---

\* Laura Loguercio Cánepa é jornalista, mestre em Ciências da Comunicação (ECA-USP) e doutoranda em Múltiplos Meios (UNICAMP- SP). Atualmente, coordena o Curso de Realização Audiovisual da Unisinos, RS.

metragem de estréia, *Os Matadores*, de 1997, e de ser aclamado nas bilheterias e em vários festivais por seu terceiro longa de ficção, *O Invasor*, em 2002<sup>2</sup>, o diretor passou à rara e privilegiada condição de “autor” cujos filmes são esperados com intensa curiosidade por aqueles que acompanham o cinema brasileiro.

Até o lançamento de seu trabalho mais recente (*Crime Delicado*, 2005), porém, Brant podia ser considerado um cineasta alinhado às tendências cinematográficas em voga no cinema comercial do resto do mundo, adaptando-as à realidade tupiniquim. Afinal, seus três primeiros trabalhos em longa-metragem buscaram um diálogo com os filmes sobre o cotidiano e as relações pessoais de vários tipos de criminosos – gênero que (re)conquistou<sup>3</sup> força no cinema contemporâneo a partir da década de 1990, especialmente após a “trilogia” *Cães de Aluguel* (*Reservoir Dogs*, EUA, 1992), *Tempo de Violência* (*Pulp Fiction*, EUA, 1995) e *Jackie Brown* (EUA, 1997), do cultuado cineasta norte-americano Quentin Tarantino.

*Os Matadores*, estrelado por Murilo Benício, Chico Diaz, Wolney de Assis e Adriano Stuart, ao mesmo tempo em que explora, na ficção, as relações de amizade e conflito entre três matadores de aluguel na fronteira do Brasil com o Paraguai, homenageia “meta-lingüisticamente” (a exemplo do que Tarantino fizera com John Travolta em *Tempo de Violência* e com Robert Forster em *Jackie Brown*) o veterano Adriano Stuart, ator/realizador famoso na década de 1970 e já praticamente esquecido no começo dos anos 90<sup>4</sup>. Sua idéia de ambientar a trama numa região pouco vista no cinema brasileiro, construindo uma narrativa fragmentada ao estilo “tarantinesco” e reunindo atores consagrados da nova geração (Benício e Diaz) com um ator-símbolo da geração anterior (Stuart), foi encarada pela crítica como um saudável sopro de novidade e de

---

<sup>1</sup> Termo adotado desde 2002 (após o lançamento do livro *O Cinema da Retomada*, de Lúcia Nagib) para definir o cinema produzido no Brasil a partir da primeira metade da década de 1990, após a derrocada da Embrafilme.

<sup>2</sup> O filme foi o grande vencedor do VI Festival de Cinema do Recife, em 2002, arrebatando seis prêmios (entre eles, o de Melhor Filme). Também em 2002, nos festivais de Brasília e de Cinema Brasileiro de Miami, arrebatou seis prêmios em cada (entre eles, o de Melhor Direção). No mesmo ano, foi eleito pelo júri do Festival de Cinema Independente de Sundance, em Park City, nos EUA, como o melhor filme latino-americano.

<sup>3</sup> Tarantino propõe uma leitura bastante particular e irônica sobre a vida de seus “personagens de alta periculosidade”, mas é preciso lembrar que esse “gênero” tem origem no filme de *gangsters* feitos em Hollywood do começo dos anos 1930 e nos filmes “de máfia” que ganharam grande fôlego nos anos 1970 após a trilogia *O Poderoso Chefão*, de Francis Ford Coppolla.

<sup>4</sup> Nascido em 1944, Adriano Stuart participou como ator em filmes como *O Exorcismo Negro* (José Mojica Marins, 1974), *Sabendo usar, não vai faltar* (Francisco Ramalho Jr., 1976) e *Festa* (Ugp Giorgetti, 1989). Como diretor, esteve à frente de *O Incrível Monstro Trapalhão* e *O Cinderelo Trapalhão* (ambos de 1980) além de muitos outros filmes do grupo de comediantes no começo da década de 1980. Stuart também realizou um dos projetos mais infames da história do cinema brasileiro: o longa-metragem *Bacalhau*, de 1977, uma paródia do filme *Tubarão* (*Jaws*, 1975) de Steven Spielberg.

possibilidade de integração com o cinema de outros países – em particular, é claro, com o cinema norte-americano.

Dois anos depois, em seu segundo longa-metragem, Brant procurou uma estratégia mais ou menos semelhante. *Ação Entre Amigos* (1999), estrelado por Zecarlos Machado e Leonardo Villar, conta a história de vingança levada a cabo por quatro ex-prisioneiros do Regime Militar contra seu torturador, interpretado por Othon Bastos. Esse *plot* já havia sido explorado por Roman Polanski em *A Morte e a Donzela* (*Death and the Maiden*, 1994), fita estrelada por Sigourney Weaver, inspirada na peça teatral do dramaturgo argentino Ariel Dorfman. O filme de Brant, que não por acaso traz os astros dos “clássicos” nacionais *O Pagador de Promessas* (Villar) e *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (Bastos) como protagonistas, teve uma carreira modesta em festivais e nas bilheterias, mas confirmou o interesse do diretor por temas ligados à marginalidade e ao crime, abrindo espaço para a politização do assunto. Essa abordagem que articula “crimes comuns” e “crimes políticos” foi retomada, aliás, por Lúcia Murat no ano passado, no filme *Quase Dois Irmãos* (2005), que propôs um novo olhar sobre o processo de violência engendrado em 20 anos de ditadura militar no Brasil<sup>5</sup>.

Finalmente, em *O Invasor* (2002), que trata da entrada de um marginal na vida de uma família de classe alta paulista, Brant arriscou mais: no estilo de filmagem, abusou da câmera “intrometida”, repleta de movimentos, que se torna quase uma personagem dentro do filme. Na busca de sentidos, aproveitou uma história aparentemente comum de violência e crime para denunciar a desigualdade social no Brasil e discutir a atração que o mundo da marginalidade exerce sobre os jovens da classe alta. Na escolha do elenco, decidiu colocar diante das lentes um ator quase-estrelante, o cantor e compositor Paulo Miklos, do grupo Titãs<sup>6</sup>. Transformado no personagem-título (o terrível bandido Anísio), Miklos acabou “roubando a cena” de atores experientes como Marco Ricca, Alexandre Borges e Malu Mader, recebendo prêmios em quase todos os festivais por onde o filme circulou, e tendo sido responsável, em grande medida, pelo sucesso do filme<sup>7</sup>.

---

<sup>5</sup> O filme descreve a amizade de Miguel (menino de classe média carioca) e Jorge (criado na favela) durante mais de 40 anos. Os dois se dão bem quando crianças, encontram-se na cadeia na década de 1970 (Miguel como preso político, Jorge como preso comum) e acabam se reencontrando na década de 1990, quando a filha de Miguel se envolve com um traficante no morro comandado por Jorge.

<sup>6</sup> Miklos já havia aparecido no cinema em 1986, no longa-metragem *Areias Escaldantes*, de Francisco de Paula, junto com outros titãs e com componentes do grupo Ultraje a Rigor.

<sup>7</sup> “Ator Revelação” no Festival de Sundance 2002, “Ator Coadjuvante” e “Ator Revelação” no 31º Festival de Brasília, “Ator Revelação” nos festivais de Recife e Berlim, em 2002.

Após ser apontado em diversas listas elaboradas por pesquisadores, críticos e cinéfilos como um dos melhores filmes da retomada<sup>8</sup>, *O Invasor* parecia ter assegurado o espaço de Beto Brant na linha de frente de um determinado tipo de cinema. Mas, ao lançar seu *Crime Delicado*, o cineasta surpreendeu ao público, já acostumado com seus filmes de imagens e personagens “hiperativos”, e também aos críticos, que se propunham a compreender seu trabalho dentro dessa perspectiva de cinema de gênero. Pois o digressivo e delicado filme sobre o crítico de teatro que se apaixona por uma modelo deficiente física não é apenas bem diferente dos trabalhos anteriores de Brant, mas acaba sendo, também, uma obra quase isolada no panorama que o cinema brasileiro vem apresentando em sua retomada.

Baseado no livro *Um Crime Delicado*, de Sérgio Santana, de 1995, *Crime Delicado* tem como protagonista um intelectual arrogante: Antônio (interpretado por Marco Ricca, que é também co-produtor e co-roteirista do filme), crítico teatral rigoroso e obcecado por encontrar defeitos em obras alheias, apontando-os em seus textos com enorme crueldade. Esse personagem altamente “intelectualizado” tem suas convicções estéticas e amorosas abaladas quando se apaixona por Inês (Lílian Taulib), uma moça que não tem uma das pernas e, exatamente por isso, foi escolhida como modelo-fetichê de um pintor obscuro, Campana (interpretado pelo artista mexicano Felipe Ehrenberg, que expõe, no filme, suas próprias obras “protagonizadas” pela atriz-personagem).

No contato tenso que se estabelece entre Antônio e Inês, um suposto crime acontece: após uma relação sexual ocorrida em meio a uma discussão sobre o trabalho de Campana (que Antônio julga indigno de ser considerado Arte), ela o acusa de estupro. E Antônio fica surpreso, pois, para ele, o ato havia acontecido de maneira consensual.

Enquanto acompanhamos a batalha jurídica e emocional que será estabelecida entre os dois, é que o filme de Beto Brant recria e nos devolve algo que praticamente havia desaparecido do cinema brasileiro da última década (exceto em casos de diretores que “atravessaram a fronteira” da retomada, dando continuidade a carreiras já iniciadas no cinema marginal das décadas de 1960 e 1970, como Júlio Bressane e Carlos Reichembach): um universo intelectualizado, boêmio, erótico.

---

<sup>8</sup> Por exemplo, em 2006, a *Revista de Cinema* <<http://www2.uol.com.br/revistadecinema>>, em sua edição de número 34, reuniu 40 críticos e pesquisadores que elegeram *O Invasor* como o melhor filme de toda a Retomada, seguido por *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002) e *Central do Brasil* (Walter Salles, 1997).

### Filme-teatro

A primeira cena de *Crime Delicado*, que se desenrola num palco durante a apresentação de uma peça, dá a senha para a estrutura do filme: de modo geral, o que veremos serão “quadros vivos”, captados com câmera fixa, como se assumissem o ponto de vista de um espectador teatral. Deste momento em diante, não esqueceremos mais de que estamos diante de uma representação exagerada e afetada do mundo que cerca Antônio Martins e sua amada Inês. Seja por olharem diretamente para a câmera, por falarem com um interlocutor inexistente, por moverem-se em cenários de luz artificial, por usarem palavras excessivamente dramáticas ou pomposas, os personagens não disfarçam que estão numa grande encenação. Esse espírito “teatral”, que se estende dos palcos observados por Antônio para as cenas cotidianas passadas em bares, vernissages e botecos, encontra seu momento mais significativo quando o filme revela o processo de trabalho do pintor Campana, que consiste em ficar nu, na cama de seu ateliê, colado ao corpo de Inês, pintando que vê a partir do ângulo permitido por cada posição íntima em que se coloca com a modelo. Enquanto acompanhamos o cuidado e a delicadeza com que o artista produz seus quadros agressivamente eróticos, a câmera de Beto Brant nos coloca diante de uma clara tentativa de encontrar um ponto de interseção entre a pintura, o teatro e o próprio cinema.

Tal hibridização de manifestações artísticas é também reforçada pela participação de diversas figuras do universo da arte e do cinema brasileiro fazendo pequenas “pontas” em *sketches* improvisadas. É do cineasta Cláudio Assis a participação mais ruidosa, num fim de noite de bar, quando interpela Antônio e diz: “Você não ama! Quem não reage, rasteja!”. No mesmo bar, Adriano Stuart confessa: “Eu errei”, e Xico Sá não consegue disfarçar sua atração por uma bela travesti que deseja se casar. Como assinala José Geraldo Couto (2006), tanto esses “quadros da vida real” quanto as cenas de peças exibidas (*Woyzeck*, *Confraria Libertina* e *Leonor de Mendonça*) nos desviam do entrecho central, mas enriquecem subterraneamente o tema da paixão como elemento de desequilíbrio.

Opondo, como bem observa Leonardo Mecchi (2006), um crítico teatral apolíneo, vigilante do Belo e da harmonia, e uma jovem modelo dionisíaca, imperfeita, Brant nos propõe a incompletude como motor da vida e da arte, fazendo um elogio a quem se expõe sem disfarces, com todos os exageros e falhas, seja nos palcos, seja nas galerias, seja nas telas, seja nos bares.

E todo esse elogio da imperfeição e do risco que dela decorre não atemoriza apenas ao neurótico personagem Antônio Martins. De certa maneira, ele também confronta uma grande

parte do que tem sido praticado no cinema brasileiro da retomada, tão preocupado em desvincular-se, por um lado, da “estética da fome” do cinema brasileiro dos anos 1960 e, por outro, da estética do “filme de sacanagem” dos anos 1970. Em sua ânsia por fazer um cinema “de padrão de qualidade internacional” (ou seja, tecnicamente bem realizado) e desligado do hermetismo do Cinema Marginal e dos compromissos políticos do Cinema Novo, o cinema da retomada se revela, freqüentemente, constrangido em relação a suas origens e tão disfuncional quanto o admirador de Inês.

Abrindo-se para tantos questionamentos sobre a arte e a representação, *Crime Delicado* também se oferece ao espectador, tanto temática quanto formalmente, com uma segunda chave de leitura, quase sempre convergente com a primeira: se, num sentido, o filme é um estudo sobre a arte, sobre quem a faz, vive em função dela, escreve sobre ela ou simplesmente gravita em torno dela, a obra de Beto Brant é, também, uma apologia à imperfeição não apenas na arte, mas em todos os campos da vida – com destaque para o sexo, que é representado na tela sem pudores, algo raro no cinema brasileiro do século 21.

### **Retomada do sexo?**

Na história do cinema brasileiro, a discussão verborrágica, intelectualizada e transgressora sobre a vida e o sexo não é exatamente uma novidade. Apenas para citar um exemplo, lembremos dos filmes de Carlos Reichembach feitos na Boca do Lixo na década de 1970 (como *O Império do Desejo* e *A Ilha dos Prazeres Proibidos*), nos quais o experimentalismo e a pornochanchada encontraram curiosa harmonia. Nesse sentido, também é preciso recolocar a própria pornochanchada em seu devido lugar: afinal, se todo um discurso ideológico procurou relacionar o cinema erótico brasileiro à alienação decorrente do regime militar, é preciso admitir-se que aquele cinema também colocou em debate as questões da liberação sexual ocorrida no mundo inteiro a partir dos anos 60 do século XX. De certa maneira, aqueles filmes se debatiam com as novas formas de comportamento sexual, sobretudo das mulheres, heroínas e vítimas preferenciais em suas histórias.

E onde entra a novidade de Beto Brant, então? O diretor retoma essa discussão (da qual muitos ainda se envergonham) em novos parâmetros, num mundo em que a sexualidade das mulheres pode ser melhor aceita – mas não sua imperfeição, sua submissão, suas dúvidas. Por

isso, *Crime Delicado* se destaca no universo da retomada por nos mostrar que, finalmente, após anos de relativa castidade, o cinema brasileiro coloca o sexo (e sua expressão artística) em pauta novamente. E toda esta sua liberdade estrutural, imagética e temática pode desconcertar aqueles que pensavam que a retomada tinha, finalmente, nos tornado caretas.

### Referências Bibliográficas

ABREU, Nuno César de. **Boca do Lixo**: cinema e classes populares. Tese de Doutorado no Curso de Pós-Graduação em Multimeios da UNICAMP, Campinas, 2002.

ARANTES, Silvana. Em *Crime Delicado*, Beto Brant espreita violência do desejo. In: **Folha Online**. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54658.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54658.shtml)>. Acesso em: 27/10/2005.

COUTO, José G. Diretor faz ode rigorosa e apaixonada à imperfeição em *Crime Delicado*. In: **Folha Online**. Disponível em: <[www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54665.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u54665.shtml)>. Acesso em: 27/10/2005.

MECCHI, Leonardo. Uma ou duas coisas sobre Beto Brant. In: **Cinequanon**. Disponível em: <[www.cinequanon.art.br/emcartaz\\_detalhe.php?id=207&num=2](http://www.cinequanon.art.br/emcartaz_detalhe.php?id=207&num=2)>. Acesso em: 10/05/2006.

NAGIB, Lúcia. **O Cinema da Retomada**: 90 depoimentos de cineastas brasileiros dos anos 90. São Paulo: Editora 34, 2002.